

TABULEIRO DE LETRAS

A geração da utopia: a influência da tradição oral como estratégia discursiva nos registros da luta pela descolonização

The generation of utopia: the influence of oral tradition as a strategy in records discursive struggle for decolonization

Prof. Dr. Murilo da Costa Ferreira¹
Karen Eloá de Assunção Pereira²

RESUMO: Em Angola, após a conquista da independência, ocorrida no ano de 1974, muitas das suas obras literárias passaram a evidenciar uma forte tendência em criticar o processo de luta contra o colonialismo. Pepetela (pseudônimo de Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos), uma das vozes mais significativas da literatura angolana, apresenta em suas narrativas um tom cada vez mais desencantado diante do esvaziamento de ideais que marcou o âmbito sociopolítico e cultural de Angola nesse período. Em *A geração da utopia*, obra escrita em 1991, Pepetela revisita a movimentação político-cultural, ocorrida na Casa dos Estudantes do Império, dos anos 50 do século XX, passando pela fase dos violentos confrontos com o início da guerrilha anticolonial (1961) e, finalmente, o período que sucedeu à conquista da independência, de 1974 aos anos de 1990. Neste artigo abordamos a importância da tradição oral africana no tecido ficcional dessa narrativa, fundamentando-nos em estudos de pesquisadores como Laura Cavalcante Padilha, Carmen Lucia Tindó Secco, Hampaté-Bâ, entre outros. Nessa perspectiva, defendemos que *A geração da utopia*, por meio de alguns recursos da expressão literária, apresenta um posicionamento crítico em relação aos acontecimentos históricos de Angola, no período aqui apontado e, portanto, possibilita, por meio da sua leitura, a elaboração de um imaginário em torno da representação da angolanidade.

Palavras-chave: Angolanidade; (Pós)Independência; Oralidade; Utopia.

ABSTRACT: In Angola, after the achievement of independence, which occurred in 1974, many of his literary works began to show a strong tendency to criticize the process of struggle against colonialism. Pepetela (pseudonym Artur Carlos Maurício Pestana dos Santos), one of the most important voices of the Angolan literature, presents his stories in a tone increasingly disenchanted before emptying ideals that marked the socio-political and cultural Angola during this period. In *A geração da utopia*, a romance written in 1991, Pepetela revisits all the guerrilla movement that preceded the Students House's of the Empire, the phase of violent clashes

¹ UNEB – Universidade do Estado da Bahia
Prof. Titular de Literaturas de língua Portuguesa
Ilhéus – Bahia – Brasil CEP: 45653-005 E-mail: murilodacosta@uol.com.br

² UESC – Universidade Estadual de Santa Cruz
Departamento de Letras / Programa de Mestrado em Letras: Linguagens e Representações
Ilhéus – Bahia – Brasil CEP: 45662-900 E-mail: kareneloapereira@hotmail.com

and finally the period that followed the conquest of independence. It is this discursive field that will serve as our corpus analysis. In this article we discuss the importance of oral tradition in African fabric of this fictional narrative, basing ourselves on studies by researchers as Laura Cavalcante Padilha, Carmen Lucia Tindo Secco, Hampaté-Bâ, among others. In this perspective, we argue that *A geração da utopia* through some features of literary expression, presents a critical position in relation to the history of Angola, and thus enables, through their reading, drawing an imaginary around a angolanity representation.

Keywords: Angola; Independence; Literature; Oral Tradition.

A LUTA PELA DESCOLONIZAÇÃO ANGOLANA NO DISCURSO FICCIONAL DE PEPETELA: REGISTROS DE GUERRA.

Em virtude de a ficção mostrar-se tão imbricada com o contexto histórico-político, o nosso olhar foi condicionado a assumir a trajetória de luta pela libertação de Angola como um dos elementos a ser investigado no discurso de *A geração da utopia*. Entretanto, é importante ressaltar que a influência da história política nas produções literárias angolanas está longe de reduzi-las a um estatuto de inferioridade, como a crítica literária europeia costuma rotular.

O fato de a literatura angolana se apresentar como uma recusa ao que, segundo Bernard Mouralis, constitui-se num “imperialismo cultural que sempre soube enfeitar-se com as máscaras da modernidade e do universal” (MOURALIS, 1982, p. 194), faz dela uma “contraliteratura”. Para ele, “o protesto contra a situação colonial, a valorização da cultura negro-africana, a neutralização dos diferentes discursos europeus caracterizam inegavelmente um processo de contraliteratura” (MOURALIS, 1982, p. 203).

Seguindo tal perspectiva, Inocência Mata afirma que os escritores de literatura africana de língua portuguesa, sabendo das imensas dificuldades enfrentadas por serem de um lugar estabelecido como periférico, fazem com que seus textos contribuam para a valorização de uma ideia de nação (MATA, 2007, p. 01). Por saberem do estatuto de perifericidade a que estão submetidos, é pelo viés do discurso literário que os autores angolanos, a partir da década de 1950, aproximadamente, encontram o caminho para fazer profundas análises acerca da condição nacional, denunciar a crueldade do dominador e procurar dar visibilidade ao universo cultural de Angola.

Com a perspicácia e destreza de quem empunha uma arma para aniquilar o inimigo na zona de confronto, os escritores angolanos utilizaram a linguagem literária para compor o seu arsenal bélico. A literatura, dessa maneira, configura-se como uma estratégia de guerra. Em meio à violência imposta pela política colonialista, a profunda subjetividade dos textos literários angolanos vai buscar sensibilizar e humanizar todo um povo endurecido pelas cruéis

investidas do regime opressor de Salazar. Sobre a tamanha importância da literatura nesse cenário sociopolítico de Angola, assim discorre Helena Riaúzoa:

Compreendendo correctamente a importância que a literatura tem na tarefa da reconstrução nacional, os dirigentes da República Popular de Angola criaram as premissas para esta “renovação” e “modernização” da cultura nacional. O facto de, decorrido apenas um mês sobre a declaração da independência, quando a situação interna e externa estava ainda longe de estabilizada, ter sido fundada a União dos Escritores Angolanos, atesta categoricamente o importante papel reservado à literatura e à cultura na construção da nova sociedade (RIAÚZOVA, 1986, p. 15).

Com a intenção de fundar uma literatura que expressasse envolvimento com o contexto sociopolítico nacional – um dos aspectos mais representativos da angolanidade –, muitos escritores procuraram realinhar a forma como as obras literárias nacionais eram produzidas, até então buscando imitar servilmente os padrões europeus, conforme dito anteriormente. Nesse despertar para o combate ao eurocentrismo, os escritores angolanos desse período, que, pelo ideário defendido, já podem ser considerados pós-coloniais, foram impulsionados a recusar e criticar a imagem depreciativa imposta pela ideologia do colonizador.

Após longo tempo reproduzindo o mito aviltante construído e imposto pela política colonialista, esses intelectuais se recusaram a aceitar que seu povo e sua cultura continuassem sendo relegados a uma subalternidade. O chamado subalterno busca conquistar, então, a possibilidade de escrever a sua própria história, recusando o texto estereotipado que lhe foi imposto pelo colonizador, para recuperar a sua cultura. Ao analisar essa figura do colonizado montada pela visão do colonizador, Albert Memmi faz as seguintes afirmações:

Desejado, divulgado pelo colonizador, esse retrato mítico e degradante acaba, em certa medida, por ser aceito e vivido pelo colonizado. Ganha assim certa realidade e *contribui para o retrato real do colonizado*.

Esse mecanismo não é desconhecido: é uma mistificação. A ideologia de uma classe dirigente sabemos disso, faz-se adotar em grande parte pelas classes dirigidas. Ora, toda ideologia de combate inclui como parte integrante dela mesma, uma concepção do adversário. Ao concordar com essa ideologia, as classes dominadas confirmam, de certa maneira, o papel que lhes foi atribuído. [...] A caracterização e o papel do colonizado ocupam lugar especial na ideologia colonizadora; caracterização infiel ao real, incoerente em si mesma, porém necessária e coerente no interior dessa ideologia. E à qual o

colonizado dá seu assentimento, perturbado, parcial, porém inegável (MEMMI, 1967, p. 83-84).

Nação que por muito tempo ficou subjugada a todo tipo de hostilidade, discriminação e exploração por parte do colonizador, Angola passou por experiências de extrema violência, como o tráfico negreiro, a escravatura e a própria imposição da presença dos colonialistas em seu território. Ante a ideologia do colonizador, que monta a imagem do colonizado, de forma a atender aos seus objetivos de dominação, surgem vozes anunciadoras de uma nova ordem. É então que, respondendo a tais imposições sociais, políticas e ideológicas, entre os angolanos surgem diversas formas de expressar resistência e protesto, dentre as quais destacamos, para fins de nossa pesquisa, a escrita literária.

Não têm morrido tantos como a propaganda oficial proclama. Convém a Salazar criar o clima de histeria colectiva, centenas e centenas de brancos trucidados pelos terroristas, Angola é uma fogueira imensa, temos de defender a Pátria e os portugueses, Para Angola em força! A propaganda estava a resultar, tinha de reconhecer. Um espesso clima de suspeição se abateu sobre os africanos em Lisboa. Passaram a cochichar quando antes discutiam a altos gritos, sempre com gargalhadas no meio. E a população passou de repente a olhá-los com hostilidade (PEPETELA, 1999, p. 12).

Em territórios de dependência política, a literatura, por ser produto da práxis social, mimetiza o contexto de opressão a que a sociedade se vê submetida, conforme fica evidente no trecho destacado. Nessa perspectiva, como é o caso da nação angolana, os textos literários relacionam-se diretamente com o panorama histórico-social e expressam os posicionamentos político-ideológicos dos seus autores. Tomados de um engajamento político, segundo afirma Benjamin Abdala Junior, os escritores desse contexto, por intermédio da linguagem literária, transmitem a busca por romper com o que está instituído.

Porém, longe de ser mera coadjuvante, a literatura mostra-se como um sujeito atuante nas ações de emancipação política de Angola e na construção de uma identidade nacional. Conforme Benjamin Abdala Junior, “importa à literatura engajada não o fato de olhar para fora de seu país, mas a consciência crítica do sentido ideológico do trabalho artístico realizado” (2003, p. 117). Os escritores engajados, dessa maneira, são conscientes da responsabilidade que os textos literários têm por propagar uma determinada ideologia. Sabendo da complexidade que cerca o termo “ideologia”, cabe aqui esclarecer que fazemos alusão à linha de pensamento utilizada pelo já citado teórico, segundo o qual ideologia é

[...] o modo de pensar (trabalhar) a realidade que determina a existência de certas configurações, certos esquemas, de conformidade com a atividade do homem como ser ontocriativo. Logo, como ser que se constrói, na interação dialética com o objeto que constrói.

O conceito de ideologia aproxima-se, assim, do de cultura, que apresenta tais esquemas de pensamento (trabalho), mas com uma diferença: a ideologia vincula os modelos culturais a um processo de particularização, de acordo com as aspirações de classe (conscientes ou não). Na atualização da cultura, em cada momento histórico, há uma apropriação, dentro da dinâmica da série ideológica, do patrimônio cultural coletivo (ABDALA JUNIOR, 2003, p. 124).

Nesse panorama, a escrita literária vai se apropriando das tensões socioculturais, políticas e ideológicas na tessitura dos discursos a serem apresentados, perceptíveis na enunciação de *A geração da utopia*, já que as marcas de tais tensões são sentidas durante todo o seu percurso narrativo. Seja narrando euforicamente os feitos heroicos de uma geração destinada a mobilizar o povo angolano a fazer uma revolução, seja trazendo o amargor e o desencanto diante do esvaziamento dos ideais políticos, o romance de Pepetela configura-se num instrumento que, pelos caminhos da ficção, apresenta o imaginário social da nação angolana.

A literatura é, assim, gerada a partir da interação entre o fictício e o imaginário, segundo Wolfgang Iser. A elaboração do discurso literário de *A geração da utopia*, seguindo essa perspectiva teórica, parte da dura realidade do contexto de guerra, que lhe serve de matéria a ser ficcionalizada, e manifesta-se por meio das formas assumidas pelo imaginário que não é apenas de Pepetela, mas de toda uma geração envolvida no processo de revolução. Conforme pontua Iser, “o estudo do processamento do texto dá lugar a um estudo do que o meio pode revelar acerca das disposições que caracterizam a constituição humana (ISER, 1999, p. 66)”. Ao definir como uma “Antropologia Literária” o estudo que se faz do texto literário, levando em consideração o contexto sociocultural do qual este emergiu, o teórico alemão procura inaugurar uma linha de investigação não contemplada até então pela teoria do efeito estético.

A obra literária, se nos reportamos à teorização de Iser, ultrapassa a realidade incorporada, apresentando um mundo fictício que se mostra como uma representatividade do mundo real vivenciado pelo autor. O momento histórico e o contexto político em que Pepetela viu-se inserido, por exemplo, marcam profundamente as suas produções literárias. É iniciada por atitudes carregadas de idealismo e, no decorrer dos acontecimentos, cede lugar a um grande desencantamento, sendo que a trajetória de luta vivida pelo guerrilheiro e escritor vai

sendo retratada a cada obra produzida. Fica perceptível a mudança de posicionamento, por conta do contexto político, ao confrontarmos as obras do referido autor, as quais foram escritas em diferentes momentos da sua história.

Em *As aventuras de Ngunga* (1972), nota-se o tom esperançoso no homem, nos seus valores morais e éticos, fazendo crer que é possível sonhar com a conquista da independência, o que não se repete em *O cão e os caluandas*, escrito entre 1979 e 1983, por exemplo, no qual o tom de crítica a certos comportamentos humanos, como o racismo, o tribalismo, a corrupção, ganha proporção, mostrando como tais posturas se configuram em entraves para o sucesso da luta. Já *A geração da utopia*, objeto de análise da presente pesquisa, nos concede um olhar mais distanciado, capaz de fazer uma apreciação minuciosa sobre todo o percurso de luta até a conquista da independência, colocando em discussão os males da natureza humana e sua influência para os infortúnios advindos da revolução.

O romance em análise nos projeta por caminhos da história de Angola que nos levam a uma compreensão mais exata acerca da geração de jovens angolanos que ousou se irromper contra o sistema colonialista. A primeira parte da narrativa, denominada *A casa* (1961), situa a narrativa em Portugal, no ambiente em torno da Casa dos Estudantes do Império, espaço de discussão e das primeiras ações de organização do movimento de guerrilha, é o momento da euforia, da esperança.

Foram anos de descoberta da terra ausente. E dos seus anseios de mudança. Conversas na Casa dos Estudantes do Império, onde se reunia a juventude vinda de África. Conferências e palestras sobre a realidade das colónias. As primeiras leituras de poemas e contos que apontavam para uma ordem diferente (PEPETELA, 1999, p. 13).

Assistimos a toda uma geração que se mostra encantada com o levante de uma revolução e tomada de coragem para conferir novos significados à sua nação. A expectativa por ver Angola liberta do jugo colonialista e da exploração cada vez maior do regime político ditatorial, impingido por Salazar, fez com que vários jovens intelectuais, tomados fundamentalmente pelos ideais do socialismo, ficassem unidos para denunciar os horrores impostos pelos portugueses no território angolano.

A segunda parte do romance, *A chana* (1972), é situada em Angola, numa zona de confronto. Esse é o momento da transição, pois a partir daí a narrativa deixa de lado o idealismo que convidava o povo angolano para a luta e mergulha numa disforia sem retorno.

No trecho destacado a seguir, fica evidente a mudança de perspectiva que ocorre da primeira para a segunda parte da trama narrativa, influenciada pelos acontecimentos políticos:

Maldita guerra! Os que a iniciaram abandonaram-na, os outros que se arranjem... Caramba, estou a dizer o mesmo que o povo. Mas é verdade, merda. Ninguém o tinha obrigado, se nela participava era por vontade. Deixa lá disso, sei bem como é isto de ser voluntário: uma pessoa é obrigada, o que dirão os amigos, o que será o futuro? Voluntariado forçado! A esta obrigação chamamos consciência política, nome bonito para nos enganarmos (PEPETELA, 1999, p. 161).

O otimismo que mobilizou tantos jovens para a luta cede lugar para sérias críticas em relação ao movimento revolucionário cujo ideário começa a ser colocado em xeque. O trecho anteriormente apresentado evidencia essa mudança de perspectiva; as reflexões do guerrilheiro Mundial acerca da guerra marcam o início do clima cada vez mais disfórico que dará o tom do romance até o final. Os interesses particulares vão ganhando espaço, em detrimento de ideais políticos, e então podemos perceber que a luta por uma coletividade já começa a deixar de ter sentido para muitos dos que sonharam com ela, como fica evidente no final de *A chana*.

Não, nada já tinha importância. O passado fora enterrado na areia da chana e mesmo as promessas e os ideais colectivos. O que importava agora era o que iria encontrar na penugem azulada do futuro, o seu futuro. Ele, Mundial, já estava a salvo, já tinha um futuro (PEPETELA, 1999, p. 220).

Diante das profundas mudanças nas trajetórias de vida dos vários personagens no romance de Pepetela, podemos afirmar que a guerra configurou-se num fato desencadeador das transformações que a nação angolana foi assumindo. De acordo com a afirmação da professora e pesquisadora Inocência Mata, a guerra “é uma ‘forma de passagem’ a nível diegético e discursivo que aponta para novos ciclos históricos ou configurações culturais e ideológicas a nível da construção (da ideia) de *nação*” (MATA, 2009, p. 203).

A fase de confronto, descrita literariamente em *A chana*, indica que uma nova história de Angola se inicia. A heroicidade dos guerrilheiros cede lugar para muitas posturas decepcionadas, frustradas e até corrompidas por conta do encrudecimento imposto pela guerra. Após o espaço de transição conferido pelos episódios de guerra descritos em *A chana*, a narrativa apresenta-se marcadamente desencantada, os posicionamentos políticos e

ideológicos de muitos vacilam, sobrepondo-se as marcas deixadas pela dureza da atividade bélica, novas identidades são construídas, enfim, emerge outra ideia de nação.

Tal qual o comandante Sem Medo, de *Mayombe*, que afirma ser “o tipo cujo papel histórico termina quando ganharmos a guerra (PEPETELA, 1980, p. 274)”, o Sábio também faz reflexões sobre a condição de esgotamento de si próprio e de sua geração. Para ele, a geração da utopia não tinha mais nada a realizar, já fazia parte do passado, e diante desta estaria a surgir o futuro, um novo tempo fundado por uma outra geração. Por isso o Sábio opta por exilar-se, já que a guerrilha rendeu-lhe a experiência e o conhecimento para distinguir o momento adequado de recolher estrategicamente as armas. Daí em diante, um novo ciclo histórico, cultural e ideológico se inicia, conferindo novas feições à ideia de nação angolana.

Cabe aqui deixar evidente a noção de *ciclo* que está sendo assumida, para nos fornecer suporte teórico. Ligado à ideia de temporalidade elaborada pelo pensador alemão Karl Marx, o termo *ciclo* se contrapõe à dimensão de tempo linear. Duas concepções de temporalidade da história, diferentes e incompatíveis, são identificadas na teoria marxista: uma linear, que pressupõe uma evolução, e uma cíclica, na qual, a partir de uma ruptura revolucionária, fecha-se um ciclo histórico, para dar início a um novo ciclo e assim por diante (1964, p. 52).

Em termos de processo histórico, as lutas políticas, as transformações sociais e as revoluções configuram-se em marcos fundadores de novos ciclos da história de uma dada nação, como é o caso de Angola. Diante de um projeto de nação que jaz no passado, a utopia defendida pela geração do Sábio mostra-se ultrapassada, conforme ele mesmo constata, tornando-se necessários, então, novos ideais, novas lutas, uma nova utopia, enfim. A enunciação em *A geração da utopia* expressa um profundo desencanto, mas não a desesperança, o que fica evidente na quarta e última parte do romance. Em *O templo*, o discurso de jovens como Judite e Orlando – tais personagens criticam quaisquer formas de alienação e se agarram à esperança de um futuro melhor para a nação angolana – sinaliza para a possibilidade de uma nova ação revolucionária. Um novo ciclo, então, poderá ser inaugurado.

- E tu, Judite, o que pensas? Ou és como eu, a política é para ti a tua profissão?

- Que frase horrível, pai. Desculpe, não tenho a intenção de ofender, mas é uma frase tremendamente reaccionária. Fartei-me de ouvir coisas desse género, exatamente de pessoas que não queriam mudar nada ou que tinham medo de o fazer. A política para mim é o meu

trabalho, a política para mim é a minha família, a política para mim é o futebol, etc., etc. Esse é o discurso dos imobilistas.

- A Judite tem razão, os que advogam o apoliticismo são os que ajudam a manter as coisas sempre paradas, sem progresso, qualquer que ele seja. E todos os regimes totalitários adoram esses apolíticos, embora não o reconheçam.

- Pobre de mim, o que fui dizer – lamentou Malongo, procurando fazer humor.

- Daqui a pouco, acusam-me de ser responsável desta merda toda (PEPETELA, 1999, p. 312-313).

Jovens como Judite e Orlando foram gerados, nascidos e crescidos em plena atmosfera revolucionária. Quando engravida de Judite, Sara, simbolicamente, gesta a esperança de um futuro de liberdade para Angola. Se a geração de Sara não soube fazer outra coisa além de idealizar Angola como nação independente, a geração que estava se formando e sendo espectadora de toda a problemática política e ideológica que envolvia a independência afigurava-se como possível atuante na construção de uma nação verdadeiramente livre da alienação imposta pelo mundo ocidental. Para tanto, era necessário politizar essa nova geração, levando-a ao enfrentamento diante dos graves problemas sociais e políticos que assolavam Angola, tornando-a capaz de criticar e construir uma outra história para sua nação, uma conquista possível e não ideal.

Ao se defrontarem com toda a problemática surgida pós-independência, os jovens angolanos, até então entusiasmados com a coragem e o heroísmo característicos da geração que partiu para “descobrir Angola” e arriscou suas vidas por ela, preferem mergulhar numa alienação e numa apoliticidade. Frente a essa nova forma de domínio, uma outra revolução se faz urgente, e com isso um novo ciclo espera-se que tão logo se inicie.

A INFLUÊNCIA DA TRADIÇÃO ORAL EM *A GERAÇÃO DA UTOPIA*.

O ato de escolher uma obra literária angolana, escrita por um ex-guerrilheiro, quase duas décadas após o fim da Guerra Civil, expressa a nossa vontade por investigar as nuances de um texto ficcional marcado pelo desejo de liberdade de um povo. As configurações discursivas apresentadas em *A geração da utopia* (1999), narrativa escrita pelo escritor angolano Pepetela, transmitem o sentimento de luta de jovens que se lançaram na guerra pela libertação de Angola do jugo colonial. É esse sentimento que faz crescer o desejo por (re)construir uma ideia de nação, utilizando, para tanto, a linguagem literária como uma alternativa geradora de discussões.

Diante de uma amarga experiência como a da colonização, processo histórico que violentou física e ideologicamente a nação angolana, toma cada vez mais fôlego entre os escritores pós-coloniais de Angola o desejo por exaltar a coragem de seu povo e dos seus heróis guerrilheiros, sem desconsiderar as marcas da presença do colonizador na sua cultura. Nesse sentido, a trama narrativa de *A geração da utopia* mostra-se capaz de realinhar a ideia de nação e reelaborar a identidade local, adequando-as ao contexto histórico-cultural da pós-colonialidade.

Cativos do prazer possibilitado pelo texto literário, entregamo-nos à sedutora experiência da leitura de *A geração da utopia*. Seguindo a concepção hedonista do semiólogo francês Roland Barthes, na qual repousa a ideia de que a escrita é uma espécie de kama-sutra (BARTHES, 1987, p. 10), em que fica manifesta a erotização da enunciação literária, mergulhamos no fascínio suscitado pela obra de Pepetela. Assim, a história e a cultura angolanas configuraram-se em matéria ficcional e foram sendo desnudas diante do nosso olhar, atento a cada detalhe revelado.

Consideramos, portanto, o contexto histórico, a situação sociopolítica e a expressão literária angolana como aspectos profundamente imbricados. Segundo a pesquisadora Laura Cavalcante Padilha, em Angola, os processos estético e histórico estabelecem entre si significativas interfaces, por isso, “literatura e construção da nacionalidade são duas faces de uma mesma moeda” (PADILHA, 1995, 138). No intuito de recuperar a voz emudecida pela violência e opressão do colonizador, jovens como Viriato da Cruz, Mario de Andrade, Agostinho Neto, Pepetela, António Jacinto, entre tantos outros, põem-se a escrever a história da sua própria nação, pelo viés de uma linguagem que, sendo na poética ou na narrativa, procura subverter o padrão europeu.

Fica perceptível, então, que o projeto de luta pela liberdade e “descoberta” de Angola surge para além das fronteiras políticas, históricas e ideológicas, vez que ele atinge as diversas formas de expressão cultural, sendo uma delas a representação literária. Com o objetivo de aproximar o povo angolano da revolução que está por se organizar, os escritores desse referido momento da história de Angola buscam retomar o imaginário nacional, valorizando-o em seus textos, os quais evidenciam a cultura angolana em seus mais amplos aspectos, dentre eles a linguagem. Nessa perspectiva, tanto a poesia quanto a prosa trazem as marcas dos diversos falares angolanos, seja o Kimbundu, o Umbundu ou o Kikongo.

É por meio dessa literatura, cada vez mais representativa do sentimento de angolanidade, que os escritores conseguem fazer a nação despertar para a necessidade da luta.

Eis o que se afigurou como foco norteador da nossa análise: a construção da identidade nacional angolana, a partir das marcas socioculturais que compõem a história dessa nação. Consideramos, para tanto, a perspectiva lançada pelo olhar aguçado do escritor Pepetela que, a partir do espaço da interdiscursividade criado no diálogo com as narrativas orais africanas, além de construir uma série de reflexões acerca da construção da nação angolana e da condição conflituosa na qual está envolvida, ainda permite que essas reflexões sejam ressignificadas pelo ato da leitura.

Nesse sentido, ao analisar uma obra literária da contemporaneidade, não há como nos destituirmos das referências do passado, pelo fato de, na cultura africana, os saberes ancestrais serem transmitidos de geração para geração por meio das narrativas orais. Daí o nosso foco principal ser a influência da tradição oral no discurso literário de *A geração da utopia*, por esta se configurar como uma das estratégias de resistência cultural da África subsaariana. Usada como uma das ferramentas da dominação colonial, a língua portuguesa foi sendo imposta aos falantes de cada território colonizado. Em Angola, a diversidade linguística proveniente dos falares das diversas etnias foi atravessada pela língua do colonizador.

Apesar da resistência física e cultural que os angolanos impuseram contra o regime opressivo de Portugal, levando-os a conquistar a independência após séculos de dominação, a língua portuguesa mostrou-se sobrepujante frente aos dialetos tradicionais africanos. No entanto, a escolha pelo uso da língua do dominador, no universo literário, por exemplo, não foi destituída de intenção. Em virtude de a língua de Portugal ser vastamente conhecida, seja entre as suas ex-colônias, seja no mundo ocidental, muitos escritores angolanos optam por utilizá-la, a fim de que seus textos ganhem o fôlego necessário para serem reconhecidos além das fronteiras do seu território.

Caso os diversos dialetos falados em Angola fossem utilizados na escrita literária, o conteúdo a ser transmitido pelas obras ficaria limitado às comunidades falantes de cada um desses dialetos específicos. No intuito de dar voz e existência aos ex-cêntricos, por muito tempo silenciados, é então que a moderna literatura angolana apresenta-se na língua do colonizador. Conforme explana o filósofo ganês Kwame Anthony Appiah, isso não equivale a negar que haja vigorosas tradições vivas de cultura oral, nem a ignorar a importância de algumas línguas tradicionais escritas. Mas, busca abrir caminho fora de suas próprias comunidades, adquirindo reconhecimento internacional (APPIAH, 1991, p. 20).

Assim, essa postura está longe de se configurar uma negação às tradições culturais africanas. Corporificado nos registros da escrita, o contexto sociocultural angolano se dá a

conhecer num espaço cada vez amplo, e assim os ecos dos brados de seu povo se fazem ouvir em lugares nunca antes alcançados. A cultura de predomínio oral, cujos conhecimentos são transmitidos de geração para geração por meio do ritmo e da musicalidade conferidos pelos atos da fala, passa a dialogar com a escrita, resultando na criação de um “texto-corpo”, para utilizarmos a imagem criada pela pesquisadora Laura Cavalcante Padilha (PADILHA, 1995, p. 20).

Ao analisarmos uma obra literária angolana, não poderíamos deixar de pensá-la como significante de uma série de gestos coreográficos, ritmos e musicalidade, tal qual o corpo. Os atos encenados pelo texto de Pepetela recriam a ambientação cada vez mais viva da tradição oral dos países africanos de língua portuguesa. Por isso *A geração da utopia* é um romance interpelativo, no qual o confronto entre a dominação colonial e a resistência que os angolanos impõem é costurado sob vários focos no tecido narrativo, resultando em questionamentos constantes acerca do processo de colonização e descolonização.

O confronto erigido a partir de uma cultura que se pretende hegemônica com outra que se coloca resistente reproduz literariamente essa tensão tão comum na contemporaneidade. Ao nos reportarmos para a história angolana, podemos perceber como a cultura local se transformou com as interferências dos colonizadores portugueses, que já invadiam seu território desde o século XV. Em meio às práticas de repressão impostas pela política colonialista, os angolanos procuraram defender suas tradições culturais e os saberes ancestrais que, mesmo num contexto hostil, continuavam sendo veiculados oralmente pelos mais velhos, como na fala do velho Samalanga, personagem de *A geração da utopia*:

Estão a fazer outra vez guerra de kuata-kuata? Eles foram, nunca mais voltaram. Os tugas ficaram pior que kisonde. A raiva daqueles carros ainda novinhos que saltaram haka, os presos que apanharam nas matas começaram então a matar com metralhadora na vista de nós. Daí caí no chão, pensei outra vez vou retirar, aqui não dá. Disse à mulher vamos embora. O Pide estava intrujar, me pagava cem escudos por dia como bom pedreiro, não liguei. Vim na mata. Mas afinal foi esta guerra vocês trouxeram, só para o povo morrer? Vale mais acabar com ela (PEPETELA, 1999, p. 184-185).

Representativo de uma coletividade, o personagem Samalanga, com a visão perspicaz e a sabedoria dos mais velhos, declara-se amargurado com o que a revolução se transformara. O que ele viu e viveu converte-se em depoimento envolto de certo peso e sacralidade, o qual merece ser ouvido e acatado. A desilusão que marca a sua narrativa se reproduz na fala do povo angolano, já cansado de todas as formas de violência a que estavam sendo expostos. A

sua voz, autorizada pela força das tradições orais africanas, vem abalizar o posicionamento defendido pelo narrador/autor e por Sábio durante o percurso da trama romanesca.

Os relatos das experiências vivenciadas pelos mais velhos em Angola são transmitidos pela fala, reforçando o valor da tradição oral, que é característica das civilizações africanas. Reconhecer a oralidade como forma de preservação da sabedoria dos ancestrais leva os indivíduos de uma determinada comunidade, como a dos angolanos, a desenvolverem a capacidade de ouvir, de se deixar invadir pelas histórias de outrem. A cultura africana desconcerta a noção cartesiana, por isso não há distinção entre ritos religiosos e manifestações festivas, entre o sagrado e o utilitário ou entre atividades pedagógicas e de entretenimento.

Reitera-se, portanto, a ideia de que as obras literárias africanas de língua portuguesa vão além de um projeto estético, tendo também, tão africanamente entrelaçados, interesses de cunho político e histórico, conforme vimos afirmando até aqui. Soma-se a esses aspectos, que fazem parte do mapeamento traçado a partir da leitura e análise de *A geração da utopia*, a valorização de tradições locais, fenômeno que tem se mostrado como uma reação ao fortalecimento do culto à globalização.

Considerada como força vital entre muitas civilizações africanas, a palavra é o sopro do sagrado, que traz com ela a sabedoria e a subjetividade de quem a transmite, para ser perpetuada por quem a recebe. Acerca da oralidade, a pesquisadora Carmen Lucia Tindó Secco observa: “Envoltas em sacralidade, as histórias orais se faziam instrumento dos mais velhos que passavam ensinamentos e conselhos aos mais jovens, fundando, dessa maneira, a ‘cadeia da tradição’, imprescindível ao desenvolvimento das sociedades (SECCO, 2008, p. 26).”

Perseguindo propósitos que vão muito além do prazer que a literatura pode vir a propiciar, ciente do comprometimento político que funciona como força de atuação das suas obras, Pepetela volta-se para o saber local, transmitido por meio da oralidade, e insere-o nas suas narrativas como ponto de referência para a crítica que faz à inevitável influência da cultura global. Seu texto denuncia a desvalorização da tradição oral africana em decorrência do eurocentrismo e do modelo de sistema capitalista que se mostra cada vez mais hegemônico.

É essa denúncia que ratifica o valor de uma angolanidade cada vez mais viva e resistente. A ideia defendida aqui, baseando-nos nas análises de Stuart Hall, é a de uma nação angolana resultante da articulação dos conhecimentos herdados dos ancestrais e das inovações advindas da globalização (2003, p. 77/78). Assim, a força da tradição oral na cultura africana

é tamanha que, mesmo diante das grandes transformações pelas quais todo o mundo vem passando, ela permanece presente não somente no âmbito da literatura, mas também no da religião, das instituições sociais, da política, e dessa maneira determina o cotidiano de seu povo.

No caso específico da escrita literária angolana da contemporaneidade, podemos perceber a influência marcante das narrativas orais, as quais são recuperadas no intuito de reforçar um legado de valores perpassados de geração para geração, fundamentando, desse modo, a elaboração da ideia de nação.

- Talvez. Talvez de velho de kimbo, de sekulo. Esses velhos que desprezamos, imbuídos da nossa cultura cidadina judaico-cristã, têm muito a nos ensinar sobre a gestão do tempo, sobre os ritmos da vida. Beberam isso na fonte da sabedoria. Transmitem esses ensinamentos através de fábulas, de poemas orais, de adivinhas. Apesar de aparecerem em livros, não os sabemos ler. O que eles nos dizem, com as suas palavras, e que não entendemos, é que a natureza tem os seus próprios ritmos com os quais nos devemos conciliar para modificar a natureza. Ora, o que fazemos nós, os crioulos híbridos de duas civilizações? Impomos apenas a componente da industrialização e do desenvolvimento exógeno, quer sejamos socialistas quer capitalistas, o que implica outros ritmos (PEPETELA, 1999, p. 259/260).

No fragmento em destaque, podemos notar a ênfase dada pelo personagem Sábio à sabedoria ancestral transmitida oralmente, cujos ensinamentos são desconsiderados por muitos, os quais, segundo ele, preferem ostentar a pretensa superioridade da cultura ocidental. Esse angolano contemporâneo, que o personagem ironicamente chama de “crioulo híbrido de duas civilizações”, mostra-se influenciado pela ideia de superioridade de saberes impostos como universais, mas guardião de uma ancestralidade que chega a lhe ser atávica.

O discurso literário em *A geração da utopia* é, então, produto dessas tensões entre o velho e o novo, a tradição e a (pós)modernidade, o oral e o escrito, a colonização e a descolonização, o passado e o futuro. Os costumes sagrados, herança da ancestralidade africana, são resgatados em meio à complexa estrutura social e política da África subsaariana, inserida no contexto mundial do neoliberalismo. Angola, assim como outros países africanos de língua portuguesa, é dependente economicamente das grandes potências mundiais e, portanto, assume as exigências desse sistema imperialista, sem, no entanto, deixar de lado as heranças culturais e suas tradições.

Faz-se importante ressaltar, no entanto, que esse espaço de busca por uma autonomia é inaugurado a partir de um ambiente de crítica e reflexão. Os escritores pós-coloniais assumem

uma postura contundente, no que se refere aos determinismos impostos pela política colonialista, contudo são conscientes das transformações culturais advindas da globalização. O trânsito de informações internacionais é tal que não há como se pensar numa literatura essencialmente angolana. Para a estudiosa portuguesa Ana Mafalda Leite,

A insistência nos intertextos culturais, orais, indígenas, das literaturas africanas faz parte de um projecto de definição do estatuto nacional das literaturas emergentes, especialmente após a descolonização. [...] A reivindicação é, no seu início, marcada ideologicamente pela ideia nacionalista, que se rege pela nostalgia de uma percepção emocional unificante e que, por seu turno, se identifica com a ideia de uma estética fundamentada nos registos pré-coloniais das culturas africanas orais (LEITE, 2003, p. 44).

O que é posto em xeque é a figura do colonizador, que já não mais paira sobre a cultura angolana como uma referência que se quer predominante. A autonomia perseguida é relativizada pelas contaminações culturais, a luta agora é pela afirmação das tradições locais em meio a uma realidade global. A Angola narrada por Pepetela é a nação do lamento saudoso do velho Salamanga, é o motivo das idealizações de Sábio, é a nação, enfim, cindida por culturas outras. Na contemporaneidade, após os longos anos sob o jugo do colonizador e das profundas influências sofridas com as transformações no cenário político mundial com a queda do regime socialista, as narrativas orais angolanas são revisitadas sob o olhar dos escritores angolanos, marcado pelas complexidades do momento atual.

Mediante todos os acontecimentos que atuaram decisivamente na história sociocultural e política de Angola, muitos escritores e intelectuais, com a conquista da independência, dedicaram-se a pensar o projeto de (re)construção da ideia de nação. As questões identitárias envolvidas em tal projeto exigiam a recuperação das tradições culturais angolanas, daí a importância dada à ancestralidade. Implementa-se, então, uma espécie de resgate do passado, porém essa retomada não é feita de modo saudosista, visto que o passado é revisitado para criticar o processo de apagamento cultural imposto pelo colonizador.

Examinamos, por isso, a maneira como o discurso enunciador em *A geração da utopia* recupera a ancestralidade africana. Em nossa empreitada, analisamos a forma como a narrativa incorporou elementos do universo da tradição oral para compor um discurso combativo. Não somente os horrores impostos pelo colonialismo são denunciados, como também se criticam severamente aqueles que compõem as estruturas de poder, os quais se corrompem em prol de interesses pessoais, ficando submissos à ideologia de consumo atual.

A tensão entre a cultura ancestral africana e os valores ideológicos advindos da globalização, na contemporaneidade, determina a construção, em termos de matéria identitária, da Angola pós-colonial. Desse modo, a nação angolana retratada no romance de Pepetela é plural, marcada tanto pela ligação que mantém com suas tradições, com sua ancestralidade, quanto pelas fraturas causadas pelos valores mercantilistas pregados pela lógica de consumo neoliberal.

Produto dos séculos de resistência que precisou impor diante da cultura opressiva do colonizador, Angola não pode ser vista como um espaço homogêneo. *A geração da utopia* tem sua trama desenvolvida justamente nas complexidades estabelecidas por conta das profundas diferenças raciais, dos trânsitos culturais, das divergências entre os muitos grupos étnicos. As vozes enunciadoras apresentam Angola a partir de um diálogo entre a oralidade e a escrita literária.

Assim, a nossa análise assinalou que a tradição ancestral oralizada é ressignificada literariamente pelas estratégias de uma escrita marcada por traços característicos de um contexto griotizante. A escrita é apropriada, rasurada, para que o discurso enunciador consiga dar conta da oralidade. Inauguram-se novas formas de relacionamento linguístico, o que fica evidente na maneira como a estrutura da língua portuguesa é atravessada por palavras dos diversos falares angolanos, abrindo novos espaços semânticos no percurso narrativo.

A língua portuguesa passa a ser africanizada, outro ritmo lhe é conferido, sua estrutura é alterada; utilizada como veículo conscientizador da luta pela libertação, essa língua deixa de ser domínio dos colonizadores portugueses para propagar a importância da valorização da cultura local. A língua portuguesa, então, perde o caráter de instrumento repressivo para ficar a serviço da revolução, tornando-se uma estratégia de resistência e resgate da cultura angolana.

A utilização, na literatura, das diversas línguas faladas em Angola, por exemplo, é uma artimanha que elabora uma das estratégias para a consolidação de uma expressão linguística angolana. Mesmo diante da preponderância da língua portuguesa, procura-se respeitar as marcas dos falares angolanos. “O recurso ao quimbundo”, novamente recorrendo às afirmações de Alfredo Margarido, “assim como às deformações fonéticas do português, não são uma tentativa folclórica ou populista, mas a busca duma semântica angolana” (MARGARIDO, 1980, p. 339), ou mesmo a montagem de uma “dicção”, segundo Laura Padilha. O tom coloquial que é dado na escrita literária de *A geração da utopia* abre espaço

para que se efetive a oralidade no texto escrito, como pode se notar no trecho destacado na sequência:

Fomos nas matas. Outros que estavam do lado de cá do Muiê disseram que iam ver ainda. Os soldados levaram-nos no arame farpado, apanharam o gado deles. Foi eles disseram: Hum, hum, aqueles outros foram nas matas, eles é que têm razão. E também abriram. Os do Movimento começaram a nos mobilizar que somos todos camaradas. Mas afinal era só mentira. Vinham só comer da comida do povo. Muitos rapazes aceitaram lutar, alguns foram castigados só atoamente, não pode. Eu, no meu coração, pensei: esse Chapuile é da minha tribo, posso falar com ele (PEPETELA, 1999, p. 185).

O romance de Pepetela, ao mostrar-se como uma forma de denúncia da política colonialista e de crítica à ideologia de consumo propagada pelo neocolonialismo, evidencia o caráter combativo das obras literárias pós-coloniais. Nessa trajetória de combate aos valores ocidentais, a cultura local é resgatada, com o objetivo de reconstruir a identidade nacional por meio da literatura, conforme cita Laura Padilha:

Na retomada dos modelos nacionais, a tradição oral vai funcionar como mecanismo transformador dos novos padrões estéticos. O desvio da norma e a nota dissonante – tão caros à modernidade – são conseguidos com o traço dessa nova fala ficcional, griotizada e griotizante, que é tanto letra quanto voz e gesto (PADILHA, 1995, p. 138).

A pesquisadora mencionada chama a atenção para um importante aspecto das literaturas africanas modernas de língua portuguesa: a griotização. Antigos contadores de história, os *griots* transmitiam os saberes da cultura africana por meio de narrativas e poesias. Tal qual os *griots*, os escritores se utilizam das técnicas da tradição oral para narrar suas histórias, resultando no que Laura Padilha chamará de “griotização da escrita”. Um processo que, segundo ela, buscava atender à necessidade específica dos escritores africanos de língua portuguesa, que, envolvidos no movimento revolucionário, procuravam informar e conscientizar seu povo para a importância da luta armada.

Os textos escritos, nessa perspectiva, podem ser narrados oralmente para um público ouvinte, reproduzindo os costumes dos ancestrais. Pelo fato de costurar na tessitura literária a língua portuguesa e os diversos falares angolanos, a narrativa de Pepetela ultrapassa os limites da nação angolana e faz com que um público cada vez maior tome conhecimento da história sociopolítica de Angola. Da simbiose resultante entre a língua do colonizador e a(s) língua(s) do colonizado, constrói-se um ambiente de leitura que não se restringe ao povo angolano.

Percorrer a trajetória histórica de Angola – por meio de uma obra ficcional, situada no período das primeiras organizações do movimento para a independência, forjada na Casa dos Estudantes do Império, até os anos após a vitória sobre o colonizador – leva a uma série de reflexões sobre a nação angolana pós-independência e os indivíduos que, tomados de heroísmo, priorizaram uma coletividade, em detrimento de suas vidas. Embora o romance *A geração da utopia* configure marcas de uma época específica, os anos 1990, ele direciona o nosso olhar para um passado recente, no intuito de nos tornarmos capazes de refletir acerca do futuro da nação angolana. Influenciado pelas ideias de Marx, no que tange à atemporalidade da arte, Ernst Fischer discorre sobre a função da arte, o que fundamenta as nossas afirmações.

O que importa é que Marx enxergou que, na arte historicamente condicionada por um estágio social não desenvolvido, perdurava um *momento de* humanidade; e nisso Marx reconheceu o poder da arte de se sobrepor ao momento histórico e exercer um fascínio permanente. Podemos colocar a questão da seguinte maneira: toda arte é condicionada pelo seu tempo e representa a humanidade em consonância com as ideias e aspirações, as necessidades e as esperanças de uma situação histórica particular. Mas, ao mesmo tempo, a arte supera essa limitação e, de dentro do momento histórico, cria também um momento de humanidade que promete constância no desenvolvimento (FISCHER, 1987, p. 17).

Assim, esta viagem antropológica possibilitada pela narrativa de Pepetela, ao invés de buscar um destino determinado, quer o terreno fluido das indeterminações, das errâncias. A presente análise chega até aqui percorrendo caminhos que não revelaram um fim, já que viajar por uma trajetória apontada pela arte é, em si, uma proposta de análise inconclusiva. Conforme as vozes enunciadoras de *A geração da utopia*, por ser um exercício de constante luta pela liberdade, precisa-se evitar procurar respostas deterministas acerca de todo o processo que culminou na conquista da independência da nação angolana.

REFERÊNCIAS

ABDALA JUNIOR, BENJAMIN. **De Vãos e Ilhas**: literatura e comunitarismos. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.

APPIAH, Kwame Anthony. **Na casa de meu pai**: a África na filosofia da cultura. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

BARTHES, Roland. **O prazer do texto**. Trad. J. Guinsburg. São Paulo: Editora Perspectiva, 1987.

FISCHER, Ernst. **A necessidade da arte**. Trad. Leandro Konder. 9. ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987.

HALL, Stuart. **A identidade cultural da pós-modernidade**. Trad. Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

ISER, Wolfgang. O fictício e o imaginário. In: **Teoria da ficção: indagações à obra de Wolfgang Iser**. Rocha, João Cezar de Castro (Org.). Trad. Bluma Waddington Vilar, João Cezar de Castro Rocha. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1999.

LEITE, Ana Mafalda. **Literaturas Africanas e Formulações Pós-Coloniais**. Lisboa: Edições Colibri, 2003.

MARGARIDO, Alfredo. **Estudos sobre literaturas das nações africanas de língua portuguesa**. Lisboa: A regra do jogo, 1980.

MARX, Karl. **Manuscritos Económicos e Filosóficos**. Trad. Artur Morão. Lisboa: Edições 70, 1964

MATA, Inocência. A periferia da periferia. In: **Revista de Língua e Literatura**, Lisboa, Universidade Aberta. 2007.

MATA, Inocência. Pepetela: A Releitura da História entre Gestos de Reconstrução. In: CHAVES, Rita; MACÊDO, Tania (orgs.). **Portanto... Pepetela**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

MEMMI, Albert. **Retrato do colonizado precedido pelo retrato do colonizador**. Trad. Roland Corbisier e Mariza Pinto Coelho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

MOURALIS, Bernard. **As contraliteraturas**. Trad. António Filipe Rodrigues Marques e João David Pinto Correia. Coimbra: Livraria Almedina, 1982.

PADILHA, Laura Cavalcante. **Entre voz e letra: o lugar da ancestralidade na ficção angolana do século XX**. Niterói: EDUFF, 1995.

PEPETELA. **A geração da utopia**. Luanda: Editorial Nzila, 1999.

PEPETELA. **As Aventuras de Ngunga**. São Paulo, Ática, 1980.

PEPETELA. **Mayombe**. 2. edição. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1980.

PEPETELA. **O Cão e os Caluandas**. Luanda: União dos Escritores Angolanos, 1985.

RIAÚZOVA, Helena. **Dez anos de Literatura Angolana: ensaio sobre a moderna literatura angolana 1975-1985**. Luanda: U. E. A., 1986.

SECCO, Carmen Lucia Tindó. **A magia das letras africanas**: ensaios sobre as literaturas de Angola e Moçambique e outros diálogos. 2. ed. Rio de Janeiro: Quartet, 2008.

Recebido em: 01 de junho de 2015.

Aceito em: 10 de julho de 2015.